

“Ciclo de Debates sobre Bioética, Diplomacia e Saúde Pública”

BIOÉTICA E RELIGIÃO NO HEMISFÉRIO SUL

RELATÓRIO

Marco Aurélio A. Torronteguy

1. Apresentação

O presente relatório apresenta o quinto encontro do ano de 2011 do “Ciclo de Debates sobre Bioética, Diplomacia e Saúde”, promovido pelo Núcleo de Estudos sobre Bioética e Diplomacia em Saúde (NETHS), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Bioética da Universidade de Brasília, com apoio da Direção Regional de Brasília da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ Brasília) e da OPAS/OMS/Brasil.

Esta reunião do Ciclo tratou do tema “Bioética e Religião no Hemisfério Sul” e contou com a participação, como palestrante, do Doutor Márcio Fabri; como debatedor, do Doutor Wanderson Flor e, como presidente de mesa, do Doutor Volnei Garrafa.

A seguir, são apresentados os conteúdos discutidos no encontro, com a perspectiva de captar os elementos estruturantes do escopo temático do NETHS. Ao final, a título de considerações finais, o resultado do debate é interpretado na forma de temas que podem ser objeto de trabalho por este Núcleo de Estudos, no sentido de que esses temas possam ser problematizados e estudados, contribuindo, assim, para a produção científica do NETHS.

2. Bioética e Religião no Hemisfério Sul

Palestrante: Márcio Fabri (UNISAL)¹

Debatedor: Wanderson Flor (UnB)²

Presidente de Mesa: Volnei Garrafa

Data: 30 de junho de 2011

Local: Fiocruz Brasília

Dr. Márcio Fabri iniciou sua palestra chamando a atenção para a importância da laicidade da bioética. Esclareceu que este fenômeno decorreu da transformação social do papel da religião – a qual, antigamente, era tida como a única interpretação válida do mundo, mas com a modernidade deixou de sê-lo, perdendo espaço para outro tipo de explicação dos fenômenos do mundo: a explicação científica.

Ocorre que, segundo o palestrante, a bioética não pode ignorar as religiões, pois as pessoas são religiosas, de maneira que na sociedade a religião é um elemento muito presente e muito relevante. Ou seja, a religião é um fato social. Trata-se de um elemento de qualquer sociedade, mas que é notadamente importante no contexto social latino-americano.

A questão central proposta pelo Dr. Fabri foi saber se pode haver diálogo entre a razão religiosa e a razão científica. A bioética pode prescindir da razão religiosa em suas reflexões?

Para procurar responder a essa questão, Dr. Fabri iniciou refletindo que a religião, na verdade, são as religiões. Trata-se da pluralidade religiosa, a qual é inerente à multiplicidade de culturas. A dinâmica das culturas/religiões provoca o surgimento de hegemonias e o fenômeno da conquista religiosa. Paralelamente, surgem novos

¹ Pe. Márcio Fabri dos Anjos, Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Docente do Programa de Pós-Graduação em Bioética no Centro Universitário São Camilo e membro da Câmara Técnica de Bioética do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

² Prof. Dr. Wanderson Flor do Nascimento, graduado em Filosofia e Doutor em Bioética pela Universidade de Brasília (UnB), é professor do departamento de Filosofia da UnB e sacerdote do Candomblé.

movimentos religiosos, novas comunidades – são as religiões em sua transformação. Além disso, a religião se torna um “espaço de mercado”, à medida que oferece prestação de serviços de salvação. É difícil distinguir de maneira estanque religião e laicidade. Talvez nem a religião seja tão religiosa e nem a laicidade seja tão laica. Daí o palestrante falar em *entrelaçamento* entre religião e laicidade.

Então o palestrante observou que o problema da bioética (trabalhado por Potter) é o problema da *sobrevivência*: como a humanidade sobreviverá ao avanço tecnológico (e o poder dele decorrente) se não houver regras éticas seguidas por todos? Pois Dr. Fabri observa que o problema da sobrevivência também é central para as religiões. Na origem dessa ideia está a reflexão, sob o ponto de vista da filosofia, de que a condição humana exige o *outro* como forma de libertar o próprio *eu*.

O palestrante também observou que a razão é antecedida pela crença. A fé precede a razão. Para compreender é preciso, antes, crer e, então, agora sim, pela razão fazer a crítica à crença anterior. Desta maneira, o objeto da crença é transformado pela experiência. Para que o conhecimento deslanche, é necessário que haja, previamente, alguma confiança nesse deslançar. Por isso se diz que a crença precede a ciência. Enfim, a ciência critica a crença e possibilita novas reflexões, as quais darão início a novas crenças.

Feito esse raciocínio, Dr. Fabri questionou: como fazemos para passar da crítica científica das crenças para a crítica religiosa da ciência?

O palestrante então observou que, com a modernidade, perdeu-se a noção de certeza. Afinal, a ciência atualmente se faz de certezas provisórias, alcançadas pelas *evidências* – as quais, na realidade, são apenas indícios de como se dão os fenômenos observados pelo cientista.

Ou seja, se é correto que a certeza religiosa ruiu, também é verdadeiro que a ciência não produz certezas. Precisamente neste ponto aparece o espaço para o diálogo entre as religiões e as ciências.

Finalmente, outro problema comum aos campos da bioética e da religião é o que se refere à *dor* e ao *sofrimento*. Ambos os campos se preocupam com isso. Portanto, a bioética necessita de transcendência, espaço de diálogo com as religiões, no sentido de sair de si, de aceitar o outro, de reconhecer em si a parte que é do outro.

Debate:

O debatedor, Doutor Wanderson Flor, inicialmente distinguiu entre a “laicidade” e a “contra-religiosidade” como enfoque dos bioeticistas. Afirmou que hoje o que se vê é muito mais a segunda posição, de contra-religiosidade, do que a primeira, propriamente de laicidade.

Essa posição contra-religiosa pode negar o próprio lugar da neutralidade, sendo que o debatedor observou que a neutralidade já é, ela própria, um lugar – o que não deve ser ocultado. Para superar essa falsa compreensão, Dr. Flor propõe o diálogo entre religião e ciência.

Segundo o debatedor, o problema, de ambos os lados, é o dogmatismo. O dogmatismo pode assumir duas posições: a de um *dogmatismo religioso* ou a de um *dogmatismo anti-religioso*. Ambas as posturas são contrárias a uma visão pluralista e multicultural. Se esse duplo dogmatismo for superado, pondera Dr. Wanderson, será possível pensar, por um lado, em uma bioética laica que não seja contra-religiosa. E, por outro lado, será possível imaginar uma bioética que aproxime religiões, mas que não seja religiosa. E essas duas posturas não dogmáticas poderão criar condições para o diálogo entre religião e ciência. Ao fazer essa proposição, Dr. Flor responde àquela primeira pergunta formulada pelo Dr. Fabri, sobre a possibilidade do diálogo entre a razão religiosa e a razão científica.

Para o debatedor, no contexto latino-americano há dois fenômenos religiosos que podem oportunizar esse diálogo: a teologia da libertação e o candomblé. Então Dr. Flor falou sobre sua experiência no candomblé, no qual o *re-ligare* (que está na raiz da ideia de *religião*) não é propriamente com deus (pois para o candomblé a ligação com deus

jamais foi perdida), mas é com os antepassados, com a ancestralidade. Daí vem a percepção coletivista que o candomblé engendra, segundo a qual os conflitos devem ser resolvidos coletivamente. Além disso, o debatedor observou o pluralismo que necessariamente é afirmado no candomblé, em virtude da pluralidade de deuses e do reconhecimento, inclusive, da existência de deuses estrangeiros – o que não permite que exista espaço para totalitarismos.

Por fim, Dr. Flor refletiu que precisamos entrar de acordo sobre o que seja uma bioética latino-americana. Se é para ser pluralista, nenhuma voz pode ser suprimida ou ignorada. Ou seja, não se pode, a priori, excluir a religião, por pressupor que a religião já traga respostas pré-concebidas, o que seria preconceito. Se continuar-se excluindo a religião dos debates sobre bioética, essa bioética dita pluralista em verdade será cínica. Isso porque há uma razão pública na religião: a razão religiosa não se restringe à fé – nem tudo é fé na religião, pois há muitos outros usos da razão nas religiões.

3. Considerações finais

Este ciclo de debates representou mais uma contribuição relevante para a construção dos trabalhos do NETHIS. Especialmente, é importante referir a profundidade do debate em torno do pretense pluralismo da bioética latino-americana – extraído da crítica realizada pelo debatedor.

Diante deste relato das discussões ocorridas durante este Ciclo, é muito importante que o NETHIS, ao estudar os problemas bioéticos que emergem dos processos de cooperação internacional, fique atento aos possíveis entrelaçamentos ou atritos que existem, por vezes discretamente, entre religião e ciência no contexto da bioética latino-americana. Desta reflexão surge um tema que pode ser problematizado nos trabalhos do Núcleo: a relação entre ciência e religião pode influenciar a análise da cooperação internacional em saúde sob o prisma da bioética?